

LETRAMENTO HISTÓRICO DOS ESTUDANTES E O CONCEITO DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: PERCEPÇÕES NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO

HISTORICAL LITERACY OF STUDENTS AND CONCEPT OF HISTORICAL CONSCIOUSNESS: PERCEPTIONS IN THE CONTEXT OF HIGH SCHOOL

Fábia Janaína Marciel da Silva

Resumo: O presente trabalho objetiva verificar como os estudantes, colaboradores desse estudo, matriculados no terceiro ano do Ensino Médio de duas escolas públicas estaduais, compreendem o conceito de consciência histórica e a importância da história, enquanto ciência fundamental para o conhecimento humano, bem como, algumas abordagens acerca da teoria da história. Partindo de uma reflexão sobre a importância desses conceitos e desse conhecimento teórico, como possibilidade de percepção de sua própria historicidade e de análise do seu papel, enquanto sujeito histórico, no contexto social e temporal no qual se insere. Para essa finalidade, nos utilizamos de uma pesquisa bibliográfica e da metodologia da história oral, através de uma abordagem qualitativa, para evidenciar o conhecimento dos estudantes e os aspectos abordados na investigação proposta, procurando destacar a necessidade de um ensino pautado em reflexões teóricas e práticas sobre a compreensão da história e da consciência histórica no ensino médio, na realidade das escolas pesquisadas.

Palavras-chave: Aprendizagem histórica. Letramento histórico. Consciência Histórica. Teoria da História

Abstract: The present work objective to verify how the students, collaborators of this study, enrolled in the third year of High School of two state public schools that were part of the research field understand the concept of historical conscience and the importance of history, while fundamental science for human knowledge, as well as some approaches to the theory of history. Starting from a reflection on the importance of these concepts and this theoretical knowledge, as a possibility of perception of its own historicity and analysis of its role, as a historical subject, in the social and temporal context in which it is inserted. For this purpose, we use a bibliographic research and the methodology of oral history, through a qualitative approach, to highlight the students' knowledge and the aspects addressed in the proposed investigation, seeking to highlight the need for teaching based on theoretical and practical reflections on the understanding of history and historical awareness in high school, in the reality of the schools surveyed.

Keywords: Historical learning. Historical literacy. Historical Consciousness. Theory of History.



1 INTRODUÇÃO

A preocupação com a aprendizagem dos estudantes é o fator crucial do processo de ensino. Existe por parte de pesquisadores e professores um interesse na busca de um ensino de história que vise contemplar as particularidades dos estudantes e as formas deles compreenderem o passado, presente e o futuro (CAINELLI; SANTOS, 2014). É de muito interesse dos pesquisadores analisarem as narrativas dos estudantes nas pesquisas, como forma de verificar suas compreensões sobre a história. A forma como eles descrevem suas concepções sobre o conceito de consciência histórica e suas visões sobre a história nos fornecem subsídios para conhecimento da relevância que eles dão ao estudo da história, como sujeitos principais do processo de ensino-aprendizagem.

Refletir sobre a consciência histórica está em voga. Acredita-se que isso esteja acontecendo porque estamos carentes da orientação oferecida por ela na sociedade atual. Vivemos em uma sociedade ligada ao “presentismo”, como disse Hartog (2008), presa ao imediatismo, às respostas rápidas e precisas, muitas vezes não processadas como deveriam ou, sem a reflexão necessária, que possivelmente as relacionariam aos fatos vividos, ou as centralizariam a um espaço, um tempo, ligando-as a um determinado contexto histórico, o que tornaria possivelmente mais fácil sua compreensão.

2 ASPECTOS TEÓRICOS DA APRENDIZAGEM HISTÓRIA

Peter Lee (2016) relata que sem o conhecimento ofertado pela história, as ideias das pessoas sobre o que é normal nas questões referentes à humanidade tenderiam a ser limitadas ao aqui e ao agora. Essa consciência que nos define, e que permanece em nós é responsável pela compreensão do eu, do conhecimento sobre o outro, do conhecimento sobre o mundo, sobre os aspectos históricos, sociais, econômicos e ambientais que trazemos de outros tempos até



esse tempo presente, assim, versamos sobre o conhecimento histórico que nos liga, enquanto gênero humano. Aborda-se então, a utilidade da consciência histórica.

O cotidiano do historiador serve de base de conhecimento para o campo da teoria da história (RÜSEN, 2001), fazendo parte de sua profissionalização didática, e sendo extremamente necessária para solucionar uma boa introdução histórica. A consciência histórica, que representa um conhecimento histórico, relacionado aos elementos teóricos dessa ciência, adentra o campo do subjetivismo, dando uma complementação à história, trazendo a capacidade de reflexão associada à subjetividade e à objetividade do pensamento científico. Ela contribui, inclusive, com o problema do aspecto introdutório das disciplinas, trazendo competência reflexiva, conciliando trabalho e pesquisa, mediando a prática funcional, além de ser parte integrante de qualquer pesquisa histórica. Não é à toa, que nas palavras de Rüsen:

A pergunta acerca da função da teoria da história na aquisição de competência profissional pode ser respondida sumariamente com a afirmação de que é dela que necessitamos se quisermos ver a floresta, ao invés de perdermo-nos em uma multidão de árvores. (RÜSEN, 2001, p. 38).

Os estudantes nos fazem perguntas, como: onde estão os sujeitos históricos que se associam a mim e ao meu tempo na história? O que esse assunto pode acrescentar na minha vida? Qual a ligação desse tema com a minha vida hoje? Por que é importante estudar isso, professor? Que eu tenho a ver com essa história, se eu nem era nascido? São algumas das contestações feitas pelos estudantes no dia a dia na sala de aula, que já demonstram a necessidade de uma vinculação dos fatos históricos a seus contextos de vida.

De certo modo, quando o fazem, eles já estão colocando em prática o uso de uma importante reflexão histórica relacionada à busca de ligação da história aos fatos, aos grandes feitos expostos nos livros com o seu cotidiano. Para



Rüsen (2001, p. 76), “o agir humano nunca ocorre sem pressupostos”. A resposta a tais questionamentos seria advinda da teoria da história, representada por seus conceitos históricos, pois ela ajuda a compreender que cada ação humana está associada à outra ação humana. Essas ações se articulam com seus efeitos e suas consequências e fornecem uma resposta a cada leque de perguntas direcionadas ao conhecimento histórico e a nossa presença no tempo, no espaço social e físico que ocupamos.

Segundo Rüsen (2001, p. 25) “não se pode de forma alguma pensar um processo histórico de conhecimento em que o próprio sujeito do conhecimento deixasse de debruçar-se sobre si mesmo”. E é nessa reflexão sobre si mesmo que se faz presente e necessária a abordagem teórica e conceitual da história dentro do desenvolvimento da consciência histórica.

Quando o professor consegue a prodigiosa ação de interligar a história com a teoria da história, fazendo a partir de suas observações um importante apoio para que o estudante compreenda a relação das ações às necessidades teóricas por trás das explicações históricas, ele está mais próximos de fazê-los se utilizarem da consciência histórica. Estaríamos assim, trazendo o estudante para dentro da história, associando fatos a contextos e percebendo a relação desses, com o tempo e com a vida prática em sociedade.

3 A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Em umas das mais conhecidas definições de consciência histórica, Jörn Rüsen a define como: “a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência de evolução temporal de seu mundo e de si mesmo, de forma tal que possam se orientar intencionalmente no tempo” (RÜSEN, 2001, p. 57). A consciência histórica pertence aos conceitos abstratos e constrói significados ao agir humano. Esse agir é histórico, pois ocorre a superação dos limites naturais, na qual a ação humana realizada sobre o tempo representa



uma mudança de ordem natural.

O agir humano tampouco pode ser tão esperto que julgue que já esteja voltando do lugar para aonde vai, quando ainda se encontra no caminho da ida. Só a consciência histórica, mediante seu recurso memorativo às experiências do tempo passado, fornece ao presente uma orientação no tempo, que, no movimento mesmo do agir, não é percebido. (RÜSEN, 2001, p. 80).

O ser curioso e sábio, que é o humano, não se contenta em não obter respostas para suas inquietações, ou pelo menos não deveria contentar-se. Ao perceber sua historicidade, sua condição de ser, estar e fazer a história, esse sujeito condiciona melhor o seu agir, percebendo sua dinamicidade. Essa historicidade é a própria condição de perceber-se como um ser existente e prático no tempo. Agnes Heller (1993) disse que a historicidade de um homem implica na historicidade de todo gênero humano, sendo o plural anterior ao singular, pois, a partir dessa compreensão do indivíduo, enquanto sujeito histórico, teríamos a exata noção de que todo o gênero humano também é histórico.

Ofertando sua compreensão aos estudos sobre consciência histórica e historicidade, Estevão de Rezende Martins (2019) entende que a consciência histórica é a expressão contemporânea para designar a consciência que todo agente racional adquire ao refletir sobre sua própria vida e sobre sua posição no tempo. Na compreensão deste autor, o conhecimento envolto no pensamento histórico está ligado à operação de aprendizagem que conduz à consciência histórica, tendo como base o conhecimento de dados empíricos sobre um passado pertinente e reflexivo, envolvendo o reconhecimento de sua identidade e do grupo social ao qual pertence.

A consciência histórica inclui a consciência da historicidade intrínseca a toda existência humana, inserida no conjunto da cultura, das instituições e das ações das pessoas. A historicidade é um pressuposto fundamental da condição existencial de todo ser humano. Refletir sobre essa condição é um procedimento de pensamento histórico, necessário a todos e a cada um, a que se procede sempre e a todo momento,



em toda e qualquer circunstância, ao longo de toda a vida. Historicidade e temporalidade coincidem. (MARTINS, 2019, p. 21).

A historicidade, como refletida anteriormente, é uma condição de sentir-se sujeito histórico, presente e atuante na história trazendo a reflexão necessária para tornar possível a compreensão das temporalidades. Geysy Dongley Germinari entende que a consciência histórica:

Não é equivalente à quantidade de informações que uma pessoa acumulou sobre o passado ao longo da vida, mas diz respeito às operações mentais que articulam o passado, presente e futuro numa estrutura temporal coerente, na qual o passado é chamado para guiar a interpretação das mudanças temporais sofridas pelos homens no presente. Essa convocação do passado ao presente orienta e alimenta a esperança no futuro. (GERMINARI, 2010, p. 53).

Esse pensamento de Germinari traz de forma bem sensata a verdadeira utilidade da consciência histórica. Ela não é um acumulado de informações sem sentido, são orientações mentais utilizadas na intenção de direcionar as atitudes necessárias do nosso cotidiano para interpretar determinados fatos da nossa atualidade que interferem diretamente na vida social e pessoal dos sujeitos, bem especificamente ligados à história.

As articulações temporais aparecem nos momentos em que precisamos utilizá-los diante de escolhas e posicionamentos que serão feitos no presente e nortearão as ações futuras. É uma possibilidade de vislumbrar um futuro mais coerente, a partir de nossas ações do presente, conduzidas por essa reflexão necessária e possibilitando um olhar analítico sobre o tempo, advindo da consciência histórica. Na perspectiva de Ronaldo Cardoso Alves:

A consciência histórica pode ser compreendida como o trabalho intelectual cujo objetivo é relacionar as experiências vivenciadas pelos seres humanos ao longo da história às expectativas geradas nesse mesmo processo. Ter consciência é apropriar-se das operações mentais do pensamento histórico com o objetivo de refletir sobre as experiências concebidas no presente ou mesmo criar novas expectativas a serem transportadas no futuro. (ALVES, 2011, p. 49).



Para este ato relacionado às operações mentais estariam envolvidas competências relacionadas à experiência, criando intenções a serem colocadas na vida prática, articulando as temporalidades na vida do sujeito. Além da interpretação necessária na busca de ressignificação do passado a partir da demanda do presente. Na orientação que se encontraria no ato de narrar em que o sujeito se utilizaria das operações mentais para isso. Segundo Daniel Hortêncio de Medeiros:

A consciência, então, constrói-se por um ato de reflexão sobre o vivido, sem a pretensão de obter qualquer registro de autenticidade mesmo desse vivido, mas uma marca, um signo, a partir do qual se possa olhar para o presente e para o futuro, encontrando nesses “lugares tempo” um sentido para essa reflexão. (MEDEIROS, 2005, p. 76).

Complementando essa discussão, em seus estudos sobre a consciência histórica, Luis Fernando Cerri a define como: “uma das estruturas de pensamento humano, o qual coloca em movimento a definição de identidade coletiva e pessoal, a memória e a imperiosidade de agir no mundo em que está inserido” (CERRI, 2011, p. 13). Essa obrigatoriedade de agir é verídica, na medida em que se está no mundo em constante ação, diante disso, não se pode ficar parado e pensar que as coisas acontecem por si mesmas.

4 LETRAMENTO HISTÓRICO DOS ESTUDANTES SOBRE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

E no ensino de história? Como agem e como se definem o conhecimento histórico e a consciência histórica? O que temos definido sobre nós mesmos e sobre os outros homens e seus feitos no tempo? Como me vejo, enquanto ser histórico? Segundo Selva Guimarães (2012), é justamente nas instituições escolares que os saberes docentes e discentes se defrontam, tendo em vista às de-



mandas da sociedade e tendo em frente a produção de valores, de saberes e de cultura. Para a educadora: “ensinar é confrontar-se cotidianamente com a heterogeneidade e partilhar saberes” (GUIMARÃES, 2012, p. 115).

Nesse tópico, existe a pretensão de compreender o letramento histórico dos estudantes sobre a disciplina de história e a consciência histórica. O letramento histórico, segundo Marcos Antônio da Silva, é a condição adquirida pelos sujeitos de se utilizarem de uma estrutura histórica para ler, interpretar, e analisar de forma crítica e consistente os conhecimentos atrelados à história, gerando a capacidade de projetar-se frente a um futuro, e de redefinir, se necessário, conhecimentos que se tinha do passado, nas mais diversas situações sociais onde se encontram as narrativas históricas e suas práticas socioculturais (SILVA, 2011).

De acordo com Peter Lee (2006), o letramento histórico é definido por uma estrutura histórica utilizável que contribui para que o estudante elabore, planeje e diferencie o encontro com novas passagens da história. Essa estrutura deve ser aberta, flexível, modificável, que o encoraje a pensar e refletir, ajudando o estudante a compreender diferentes estruturas, consolidando uma coerência interna de aprendizagem. A partir de então, ele conseguiria realizar conexões mais complexas, frente ao seu conhecimento da história. Diante dessa perspectiva de LEE (2006), Marcos Antônio Silva, diz que:

O sujeito historicamente letrado não se limita apenas a estabelecer conexões entre as informações novas e uma série de fatos históricos objetivos durante os processos de leitura das narrativas históricas. Para além disso, o letramento em História exige uma interação mental durante as leituras das narrativas históricas com uma estrutura histórica utilizável estabelecendo uma orientação temporal e permitindo a construção de novos significados para o sujeito. (SILVA, 2011, p. 124).

Segundo Aurélio Fernandes (2016), uma das preocupações do ensino de história é a busca pelos elementos para a compreensão da consciência histórica, gerando uma orientação para a ação nas situações reais da vida presente. “Essas



interpretações diagnosticam as necessidades dos sujeitos históricos e propõem ações no presente e projetos de futuro” (FERNANDES, 2016, p. 7), sendo a finalidade da consciência histórica: a superação das carências de orientação dos homens no tempo através das interpretações históricas.

A educação histórica e a didática da história desempenham esse papel na compreensão da representação temporal, factual e didática, fazendo a conexão necessária entre os tempos e direcionando o pensamento para um futuro. Dessa forma, tanto a educação histórica quanto a didática da história visam trazer para dentro do ensino de história a possibilidade de aproximação entre o que se vive e o que se estuda. A relação que há é pura e transparente no sujeito, enquanto ser histórico, presente e transformador do meio e da sociedade, consciente da sua própria história de vida. Sobre estas questões, Daniel Medeiros aponta que:

A Educação Histórica, na medida em que assume o empenho de contribuir para a produção de consciência histórica, deve procurar saber, a partir dos jovens alunos, como eles vêem o que estudam, o que eles sabem do passado e como o utilizam na sua vida cotidiana. A expectativa de dar aos estudantes algum senso de onde eles se encontram em relação ao passado e ao futuro, parte do pressuposto de saber se não vamos nos fazer entender ou se seremos redundantes. Daí a importância de perguntar para eles. (MEDEIROS, 2005, p. 88).

Para esta fase da pesquisa nos utilizamos da técnica de coleta de dados, através de um questionário semiestruturado, elaborado de acordo com as temáticas da pesquisa, que obedeceu a todos os preceitos atentados pelo Conselho de Ética da plataforma Brasil, pelo parecer/CEP n.º 4.051.096 de 27/05/2020, CAAE: 300.96820.0.0000.5055, que aprovou a referida pesquisa em maio de 2020.

Privilegiou-se a participação de estudantes dos terceiros anos do Ensino Médio, de duas escolas públicas estaduais localizadas na cidade de Exu-PE. Acredita-se que o perfil sobre os sujeitos da pesquisa transparece como algo importante porque contribui com elementos fundamentais na compreensão de



seus contextos de vida, que impactam diretamente na sua aprendizagem e nas suas relações sociais.

Quadro 1 - Aspectos socioeconômicos dos estudantes da Escola A

Estudantes	Cor/ raça	Escolaridade dos pais Pai/mãe	Renda familiar Em salários mínimos	Tipo de moradia	Profissão dos pais Pai/mãe	Você trabalha?
1	Branca	Superior completo	8 a 10	Própria	Policial /Professora	Não
2	Branca	Fund.completo /superior	3 a 8	Própria	Agricultor /Professora	Não
3	Branca	Ens. Médio	1	Própria	Desempregados	Não
4	Branca	Ens. Médio Incompleto	1 a 3	Própria	Func. Pública	Não
5	Parda	Fund. Incomp.	Menos de 1	Própria	Agricultores	Não
6	Parda	Ens. Médio/ superior	De 3 a 8	Própria	Comerciante /Assist. social	Não
7	Parda	Analfabetos	Menos de 1	Própria	Agricultores	Não
8	Parda	Ens. Médio	Até 1	Cedida	Agricultores	Não
9	Branca	Ens. Fund. Incomp.	Menos de 1	Própria	Agricultores	Não
10	Preta	Superior Completo	De 3 a 8	Própria	Engenheiro/ Professora	Não
11	Parda	Superior Completo	De 3 a 8	Própria	Policial / professora	Não
12	Parda	Fund. Incompleto	Até 1	Alugada	Agricultores	Não
13	Parda	Superior Completo	Até 1	Própria	Autônomos	Não
14	Preta	Ens. Médio	Até 1	Própria	Agricultores	Sim (roça)
15	Branca	Ens. Médio	De 1 a 3	Própria	Agricultores	Não
16	Branca	Ens. Médio	De 1 a 3	Própria	Vendedor / téc. enfermagem	Não
17	Pardo	Ens. Médio	De 1 a 3	Própria	Empresário/ Téc Enfermagem	Sim (empresa do pai)
18	Branca	Fund. Completo	Até 1	Alugada	Motorista/dona de casa	Sim (cuidador de animais)
19	Parda	Analfabetos	Até 1	Própria	Agricultores	Não
20	Parda	Fund. Completo	Até 1	Cedida	Agricultores	Sim (bico)

Fonte: elaborada pela autora, 2020.

Desta escola, os participantes da pesquisa foram 09 do sexo feminino e 11 do sexo masculino, na faixa etária entre 17 e 18 anos. Em relação à cor/raça, 40% se declaram brancos, 50% se declararam pardos e 10% se declaram pretos. Sobre a formação educacional dos seus pais, a maioria deles concluiu o Ensino Médio (35%), outros 30% apresentam formação em Ensino Superior. Do restante do percentual, alguns apresentaram o Ensino Médio incompleto, ou Fundamental completo. Apenas 02 estudantes relataram ter pais com Ensino Funda-



mental incompleto. Outros 02 estudantes afirmam que seus pais são analfabetos.

A grande maioria tem casa própria, apenas 02 estudantes moram em casas alugadas, e outros 02 em casas cedidas por outros. Seus pais desempenham variadas funções, sendo que 50% trabalham como agricultores. Com relação à renda dos seus pais, 35% deles apresentam uma renda de até 01 salário mínimo, 15% desses vivem com menos de um salário mínimo e observamos que todos os pais que conseguiram concluir o Ensino Superior apresentam uma renda superior que varia entre 3 a 10 salários mínimos. Dos 20 estudantes participantes da pesquisa desta escola, 04 já trabalham em empregos informais.

Quadro 2 - Aspectos socioeconômicos dos estudantes da Escola B

Estudantes	Cor/ raça	Escolaridade dos pais Pai/mãe	Renda familiar Em salários mínimos	Tipo de moradia	Profissão dos pais Pai/mãe	Você trabalha?
1	Parda	Ens. Fund. Incomp.	De 1 a 3	Própria	Agricultor /manicure	Não
2	Parda	Analfabetos	Menos de 1	Outros	Agricultores	Não
3	Branca	Ens. Fund. Incomp.	Menos de 1	Cedida	--- /cozinheira	Não
4	Parda	Ens. Fund. Incomp.	Até 1	Própria	Agricultores	Não
5	Preta	Médio/Superior completo	De 3 a 8	Própria	Autônomo/ aposentada	Não
6	Branca	Médio/Superior Completo	De 3 a 8	Própria	Agricultor/ Professora	Não
7	Parda	Ens. Fund. Incomp.	Até 1	Própria	Agricultores	Não
8	Parda	Ens. Fund. Incomp.	Menos de 1	Própria	Pedreiro/dona de casa	Não
9	Parda	Ens. Fund. Comp.	Menos de 1	Própria	Agricultores	Não
10	Parda	Ens. Fund. Incomp.	Até 1	Própria	Agricultores	Não
11	Preta	Ens. Fund. Incomp.	Menos de 1	Própria	Servente/dona de casa	Não
12	Branca	Ens. Fund. Incomp.	Até 1	Própria	----/ doméstica	Não
13	Branca	Ens. Fund. Incomp.	Menos de 1	Cedida	----/ cozinheira	Não
14	Branca	Analfabetos	Menos de 1	Própria	Agricultores	Não
15	Parda	Ens. Fund. Incomp.	Até 1	Própria	Agricultores	Sim (roça /servente)
16	Parda	Ens. Fund. Incomp.	Até 1	Própria	Agricultores	Não
17	Parda	Ens. Médio	Até 1	Própria	Agricultores	Sim (aulas de reforço)
18	Parda	Analfabetos	De 1 a 3	Própria	Pedreiro / dona de casa	Sim (casas de famílias)
19	Parda	Ens. Fund. Incomp.	Menos de 1	Alugada	Agricultores	Não



LETRAMENTO HISTÓRICO DOS ESTUDANTES E O CONCEITO DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: PERCEPÇÕES NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO

20	Branca	Ens. Fund. Incomp	Até 1	Própria	Agricultores	Sim (babá)
21	Parda	Ens. Médio	Até 1	Alugada	Sargento/cozinheira	Não
22	Parda	Ens. Fund. Completo	Até 1	Própria	Agricultores	Não
23	Amarelo	Ens. Fund. Incomp.	Até 1	Própria	Pedreiro / dona de casa	Não
24	Parda	Ens. Fund. Incomp.	Menos de 1	Própria	Agricultores	Não
25	Parda	Ens. Fund. Incomp.	Até 1	Própria	Agricultores	Não
26	Indígena	Ensino Médio	De 1 a 3	Própria	Agricultores	Não
27	Branca	Ens. Fund. Incomp.	Menos de 1	Alugada	Não respondeu	Não
28	Parda	Médio Incompleto	Até 1	Própria	Pedreiro/manicure	Não
29	Parda	Analfabeto/Médio Incomp.	Menos de 1	Própria	Vaqueiro/dona de casa	Não
30	Branca	Médio incompleto	Até 1	Própria	Atend. Lanchonete	Não

Fonte: elaborada pela autora, 2020.

Na segunda escola referida, os participantes da pesquisa formam 16 estudantes do sexo feminino e 14 do sexo masculino, na faixa etária entre 17 e 20 anos. Nessa escola, a grande maioria se declarou pardo (60%), outros 26% se declararam brancos e os demais se identificaram como indígenas, pretos e amarelos (14%). Em relação à formação de seus pais, a grande maioria (60%) não conseguiu concluir a etapa do Ensino Fundamental. Tendo 13% de pais analfabetos e 13% de pais com Ensino Superior.

Apresentando os demais, a formação no Ensino Médio foi completa ou incompleta. Uma grande maioria mora em casa própria, sendo que apenas 03 moram em casas alugadas e 02 em uma casa cedida por outros. Em termos de renda, 33% dos pais vivem com menos de um salário mínimo por mês, e 40% vivem com até um salário mínimo. A renda maior se encontra entre os 02 pais de estudantes que apresentam formação completa no Ensino Superior, que varia entre 03 a 08 salários mínimos.

Dos 30 estudantes pesquisados, 04 já trabalham em empregos informais. Percebe-se que a renda dos pais está diretamente relacionada ao desenvolvimento de seus estudos. Averigua-se, abaixo, as percepções dos estudantes sobre aspectos relacionados à disciplina de história a partir de seus letramentos históricos.



Perguntou-se, inicialmente, aos estudantes participantes da pesquisa das duas escolas se eles gostam da disciplina de história, como forma de abordar outros pontos importantes relacionados à aprendizagem histórica e com o propósito de conhecer suas narrativas sobre esta disciplina.

Quadro 3 - Você gosta da disciplina História? Respostas dos estudantes da Escola A

1. Sim, porque entendo o processo de construção social.	11. Sim, porque acho importantes os fatos históricos.
2. Sim, porque é prazeroso conhecer o passado.	12. Sim, porque é através dela que conseguimos conhecer um pouco de nós e do mundo.
3. Sim, porque temos conhecimento sobre o nosso país na antiguidade.	13. Sim, porque acho interessante estudar sobre história antiga.
4. Sim	14. Sim, porque ela trata de nossos antepassados.
5. Sim, porque podemos aprender com nossos erros.	15. Sim, porque acho importante compreender o passado.
6. Não, porque envolve muitos fatos, entre outras coisas.	16. Sim, porque é uma disciplina que trabalha bastante sua mente, trabalha tanto o passado como o presente e também o futuro.
7. Não, não sou afim.	17. Sim, porque ensina várias coisas do passado.
8. Sim, gosto de todas as matérias de humanas	18. Sim, porque fala muito das coisas do passado que ainda tenho muito que aprender.
9. Sim, porque sem ela seria muito difícil saber dos nossos antepassados	19. Sim, por conta das informações.
10. Sim, porque gosto de saber dos acontecimentos do passado.	20. Sim, porque é conhecimento.

Fonte: elaborada pela autora, 2020.

Temos 02 estudantes que relataram não gostar da disciplina, sendo que os demais disseram que gostam. Eles percebem que ela faz parte da sua construção social, que ajuda na compreensão do passado, que ela possibilita informações relacionadas ao seu conhecimento. Apenas 01 estudante tem a compreensão que a história faz essa correlação entre todos os tempos históricos.

Quadro 4 - Você gosta da disciplina História? Respostas dos estudantes da Escola B

1. Sim, porque aprendemos muito sobre o passado, como as pessoas viviam etc.	16. Sim, porque ela nos ensina sobre o passado das coisas.
2. Sim, porque adoro a segunda guerra	17. Sim, porque é uma disciplina interessante
3. Sim, porque é uma tradição antiga	18. Sim.



4. Sim, porque é uma leitura de mundo.	19. Sim, sempre é bom aprender sobre o passado. Acho interessante.
5. Sim.	20. Sim, porque me ensina as coisas do passado.
6. Sim, porque aprender sobre a história nos deixa menos alienados.	21. Sim, porque é uma disciplina onde aprendemos e conhecemos os vestígios do homem de diferentes épocas.
7. Sim, porque é um conhecimento que não nos deixa ser alienados.	22. Sim, ajuda no dia-a-dia
8. Sim.	23. Sim, pelo fato da matéria ter o estudo da terra e dos povos.
9. Sim, gosto de pesquisa e de estudar o tempo.	24. Sim, porque é uma maneira de facilitar a vida.
10. Sim, porque eu acho interessante.	25. Sim, é muito importante para se ter uma noção do passado.
11. Sim, porque é legal	26. Sim, porque eu acho muito bom.
12. Não, porque não me encaixo	27. Não, porque é ruim.
13. Sim, porque estuda os antepassados.	28. Sim, porque ela ensina muito o passado.
14. Não, porque não sinto interesse na matéria.	29. Sim, porque conhecemos seres humanos na época.
15. Sim, porque estudamos tudo sobre antigamente.	30. Sim, porque ensina muita coisa importante.

Fonte: elaborada pela autora, 2020.

Na segunda escola, 03 estudantes relataram não gostar da disciplina, outros reconhecem que ela pode ajudar no dia a dia, pois ensina sobre o passado, sobre o tempo, sobre os vestígios humanos, sobre os fatos históricos e que contribui para evitar a alienação.

A partir do letramento histórico dos estudantes sobre o seu gosto pela história percebe-se que uma parcela deles ainda associa o estudo da história apenas a aspectos relacionados ao passado e a seus antepassados, sentindo dificuldade em relacionar a história com o seu presente.

Marília Gago diz que: "compreender como alunos e professores fazem sentido de sua compreensão da história numa lógica de orientação temporal tem sido o desafio aceito e perseguido em termos de investigação em Educação Histórica" (GAGO, 2016, p. 80). Tudo faz parte de uma grande correlação. É essa percepção que tem que ser repassada ao estudante através do ensino, fazendo-o enxergar-se como sujeito histórico e analisador do meio em que vive, bem como da sociedade em que está inserido, conseguindo analisar suas ações no



tempo de forma reflexiva.

Perguntou-se aos jovens estudantes participantes da pesquisa qual seria sua compreensão sobre o conceito de consciência histórica.

Quadro 5 - O que você entende por consciência histórica? Respostas dos estudantes da Escola A

1. Entendo os acontecimentos passados, eu tenho maior facilidade em entender acontecimentos presentes e futuros.	11. Conhecimento sobre os acontecimentos passados e em que eles influenciaram nos dias de hoje.
2. Conhecer e entender o que aconteceu no passado.	12. É uma representação social que uma coletividade adquire do seu desenvolvimento no espaço.
3. Aquilo que passou e que passamos a ter conhecimento sobre aquela época específica.	13. Não sei responder
4. Não sei. Não me lembro.	14. Quase nada.
5. Nunca ouvi falar do termo.	15. Uma representação social que é adquirida ao longo do tempo por todos.
6. Não tenho ideia.	16. É você entender e ter consciência que a história do passado é vivida por muitos.
7. Não sei.	17. Entendo que é importante para saber as coisas do passado.
8. É toda época que nos faz refletir sobre como os atos foram cometidos injustamente.	18. Não tenho nada em mente.
9. Quando a pessoa tem consciência do que aconteceu no passado e entende isso.	19. Saber o que as outras pessoas passaram e ter consciência para fazer diferente.
10. Saber o passado de tal pessoa, ou grupo e entender que aquilo pode se fazer presente no futuro.	20. Nada

Fonte: elaborada pela autora, 2020.

Dos estudantes da escola 01, tivemos 08 estudantes que não conseguiram ter uma ideia formada sobre esse conceito, relatando que nunca ouviram falar sobre ele e que não tem em mente uma resposta sobre o assunto. Os demais estudantes acreditam que seja uma forma de conhecer os acontecimentos do passado ou fatos de uma época específica, uma forma de representação social.

A consciência histórica é um fator mental, é uma abstração individual, perceptível apenas quando refletimos sobre fatos, conceitos e problemas verificados em nosso cotidiano e no nosso tempo. Obviamente, não tínhamos pretensão de pensar que o estudante devesse ter obrigatoriamente estudado sobre



o conceito em voga, mas, já que a consciência histórica é uma construção mental de sua percepção sobre o tempo e sua utilidade na vida prática, esperávamos apenas que eles não tivessem tantas dificuldades em elaborar mentalmente alguma resposta sobre a temática.

Quadro 6 - O que você entende por consciência histórica? Respostas dos estudantes da Escola B

1. Não sei o que é.	16. Bom, pode se dizer que é um conhecimento, ou entendimento por parte das pessoas no geral, em relação aos fatos e que também podem ser especulações passadas.
2. Nada.	17. Desenvolvimento do espaço social.
3. Não sei.	18. Não sei.
4. É a noção que temos e entendemos para com o mundo que tivemos os acontecimentos e com o mundo que iremos ter futuramente.	19. Uma coisa boa.
5. Nada.	20. Não sei.
6. Tudo que foi vivenciado por você.	21. Não sei explicar.
7. Serve para a história não se repetir.	22. Não sei.
8. Nada.	23. É saber em que tempo atual vivemos e o que aconteceu em outros séculos, e ter consciência da história dos povos e civilização já existentes em tempos passados.
9. Seria o fato de saber sobre as histórias (fatos) ter a plena consciência de que está analisando e entender os fatos.	24. É uma representação social.
10. Não me lembro de ter estudado sobre esse conteúdo.	25. Que a gente sempre deve buscar aprender que não é qualquer matéria e sempre ter consciência.
11. Não sei responder.	26. A Era Vargas, a política.
12. Nada.	27. Nada.
13. Não sei.	28. Não sei.
14. Não sei.	29. Não sei.
15. Não respondeu.	30. Não sei.

Fonte: elaborada pela autora, 2020.

Dos estudantes da Escola 02, no total de 19 estudantes tiveram dificuldade em relatar uma ideia sobre o conceito. Os demais relacionam o conceito com os acontecimentos existentes, com o que foi vivenciado pelos seres humanos no passado, com fatos que irão existir ou também como uma representação social. O 26º estudante associou o conceito a Era Vargas, pois provavelmente é um assunto que estivesse sendo estudado na disciplina.



Ao se ler tantos: “não sei”, ou ausências de respostas, que se traduzem como um “não sei” também, têm-se a evidência da necessidade de diálogo, de elaboração de temáticas discursivas, debates e estudos conceituais atrelados à aprendizagem histórica que gerariam reflexão sobre o tempo, sobre nossa relação com ele e que facilitariam nossa dinâmica de elaboração de respostas, capazes de preencher um vazio discursivo por parte dos estudantes ao estudar e discutir história, aprimorando seu letramento histórico e consciência histórica.

Os estudantes já chegam com a sua consciência histórica formada em alguns de seus principais aspectos. Não se propõe por nenhum autor que essa formação irá ocorrer na escola, e sim, que lá é o ambiente propício para que façam debates, para que se articulem várias percepções de pensamento para que o estudante possa atribuir o sentido necessário que tem que ser dado ao tempo e ao modo de pensar historicamente. Nessa perspectiva percebe-se que:

Pensar historicamente é nunca aceitar as informações, ideias, dados, etc. sem considerar o contexto em que foram produzidos: seu tempo, suas peculiaridades culturais, suas vinculações com posicionamentos políticos e classes sociais, as possibilidades e limitações do conhecimento que se tinha quando se produziu o que é posto em análise. (CERRI, 2011, p. 59).

Esse pensar historicamente leva a compreensão de um significado da história, voltado para o novo, para a sucessão do inesperado, impedindo de vermos a história como algo permanente, contínuo, já determinado (CERRI, 2001). Isso comprova que no ensino de história importa não somente estudar os acontecimentos, os conteúdos em si, mas, associá-los aos seus contextos, em suas definições, em sua relação com a atualidade, caracterizando-o como ações humanas que de forma direta, ou indireta nos fizeram chegar até o hoje.

Conseguir realizar essa tarefa seria aproximá-los da história para que a juventude atual possa ter essa noção de sua importância, percebendo que não são uma geração perdida no tempo presente, e sim, que existe uma grande



“costura”, uns “nós” que nos interligam a outros seres humanos e a outros tempos. É a consciência histórica que faz uma intermediação entre o tempo, a memória, a narrativa humana e a identidade pessoal de cada ser. Percebe-se então, que esse conceito está extremamente relacionado à vivência diária e a história.

Existe um entrelaçamento da história com a consciência histórica, através dessa envoltura de valores pessoais, morais e temporais e de uma dimensão dialética que envolve os saberes históricos necessários a uma articulação reflexiva sobre todos os diferentes sujeitos históricos, para que esses se vejam como parte da história, como é perceptível na reflexão a seguir.

5 QUANDO ALGUÉM MORRE VIRA HISTÓRIA

Foi dado destaque a esse letramento histórico de um estudante colaborador da pesquisa, que chama a atenção, mas, não traz perplexidade, porque se sabe pela prática em sala de aula que uma parcela dos estudantes do Ensino Médio ainda pensa que a história é uma ciência feita por quem não se encontra mais vivo, por quem realizou algum ato heroico, ou alguma atrocidade contra a humanidade. São os figurões, os vilões, os que morreram, os que lutaram em prol de uma causa, são esses os agentes da história, não eles.

O ensino de história contribui para que, gradualmente, os estudantes se vejam enquanto sujeitos dessa história. Muitas vezes, eles não se encontram em determinado contexto especificado nos conteúdos vivenciados em sala de aula, em uma história que ainda se baseia em dados biográficos, políticos e informativos, sobre nações aparentemente distantes e sem relação nenhuma com a sua vivência. Isso, como resultado da forma de se trabalhar a história no formato em que ela surgiu, ainda recheada de datas comemorativas, ligadas a contextos políticos e a homens de poder, dissociando-os do restante da sociedade.

Analisando um pouco mais sobre a disciplina de história, Peter Lee (2016) diz que ela é uma conquista frágil, que deve ser tratada com respeito e cuidado



nas escolas. O lugar da história na educação está ligado ao fato dela contribuir para o desenvolvimento da consciência histórica, na forma de analisar essas relações temporais que se entrelaçam com a vida em sociedade, pois, as grandes questões colocadas pela história causam impactos sobre as nossas vidas.

Compreende-se que os estudantes chegam à escola com opiniões formadas, com ideias a serem postas em prática. O que cabe ao ensino é tentar fazer com que eles se atentem para a necessidade de usar essas reflexões associando-as à sua vida individual e coletiva, à formação de sua identidade e na sua relação com o outro. Vendo-a como a dimensão de uma consciência que ultrapassa o individualismo, que gera debates, análise de soluções, formação de diferentes pontos de vista, que permite troca de conhecimento, atribuindo sentido ao tempo, à narrativa, à vida em sociedade.

Sendo tal aprendizagem, também, capaz de gerar a sensação de pertencimento ao gênero humano e colocando em prática o respeito pelo outro. Que esses estudantes e professores possam dialogar, transpondo assim uma “ponte” entre os tempos e os sujeitos da história, gerando uma identidade, uma consciência temporal importante e uma fundamentação dessa narrativa que possibilitaria um reconhecimento pessoal de estar na história e de fazer história. Na perspectiva de Luís Fernando Cerri:

O ensino da diferença é fundamental na própria elaboração de uma perspectiva de passado que considere o que não aconteceu, os projetos dos vencidos, uma história das ideias do mundo: para que não se ensine e não se aprenda que o presente, tal qual o conhecemos, era a única possibilidade, com a qual acabamos organizando o conhecimento do passado em função do presente (objeto cognitivo). Também para que percebamos que a realidade não é uma, e que a história, portanto, modificável depende da ação humana, e que vale a pena agir na esfera coletiva, quebrando o principal auto de fé neoliberal, que é a ação individualista salvadora de si mesmo. Para que alguém possa agir é preciso uma perspectiva de futuro, uma utopia, no melhor sentido. (CERRI, 2011, p. 126–127).

Esse aspecto mencionado por Luiz Fernando Cerri esclarece sobre a im-



portância das diferentes percepções que fazem parte do conhecimento para observarmos as diferentes vertentes da história. Essa capacidade de análise, na perspectiva de Maria Auxiliadora Schmidt (2017), traria o olhar histórico sobre tudo que está à nossa volta. Somente através dessa ligação, possivelmente dada pela educação histórica, por uma didática da história, pela utilização da consciência histórica, mais voltada ao conhecimento e debate teórico, ocorreria essa renovação do ensino de história nas escolas. Para Schmidt e Garcia, torna-se necessário que:

Professores e alunos busquem a renovação dos conteúdos, a construção de problematizações históricas, a apreensão de várias histórias lidas a partir de distintos sujeitos históricos, das histórias silenciadas, histórias que não tiveram acesso à História. Assim, busca-se recuperar a vivência pessoal e coletiva de alunos, professores para vê-los como participantes da realidade histórica, a qual deve ser analisada e retrabalhada, com o objetivo de convertê-la em conhecimento histórico, em autoconhecimento, uma vez que, desta maneira, os sujeitos podem inserir-se a partir de um pertencimento, uma ordem de vivências múltiplas e contrapostas na unidade e diversidade do real. (SCHMIDT; GARCIA, 2005, p. 299–300).

É preciso não somente se ver na história, ser produtor da história, como também pensar historicamente, observando toda essa mudança das relações temporais com a nossa vida e com a vida dos outros, como também colocar esse conhecimento adquirido em prática, junto aos estudantes, nas escolas e em todos os lugares em que se possa esclarecer sobre o nosso pertencimento histórico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento teórico é fundamental na compreensão da história. Em relação ao ensino, partindo de uma autorreflexão sobre a sua prática profissional, o professor pode dar um retorno ao seu processo de ensino-aprendizagem. O papel da aprendizagem teórica se destaca, pois, sem ela, é como se a história



fosse um amontoado de fatos sem fundamentos plausíveis, porque os estudantes não se enxergam nela, então, existe a necessidade do conhecimento histórico, de sentir-se partícipe da história e colocar em prática a sua consciência histórica.

Ficou perceptível ao longo da pesquisa a grande dificuldade que os estudantes apresentaram ao escrever sobre a consciência histórica. Por ser ela um fator mental, pessoal, associado ao nosso conhecimento histórico, a nossa relação com o tempo e seus elementos, com os fatos e nossa interpretação sobre eles, ficou evidente a necessidade de dialogar e tentar, a partir de um trabalho metodológico e de conscientização na disciplina de história, fazê-los compreender a necessidade de colocar em prática essa consciência histórica, que colabora inclusive, na tomada de decisões e na organização da vida prática.

A aprendizagem histórica deve permitir um grau de consciência, na qual o estudante não somente se enxergue dentro da história, como também, reconheça as inúmeras possibilidades de modificações dos fatos. É necessário entender que muitos dos seus enredos e seus acontecimentos estão relacionados aos “quereres” de alguns poucos grupos sociais e políticos. É preciso reconhecer esse esmagamento de classes, essas imposições feitas pelo poder aquisitivo, bem como as diferentes versões sobre o mesmo fato: a história vista de baixo e os contextos de lutas impostas por mudanças sociais.

É preciso enxergar-se dentro de uma realidade histórica, analisar-se como um sujeito histórico, perceber as mudanças sociais e temporais relacionadas ao seu tempo e aos outros, refletir sobre esse contexto, inserir-se nas ações necessárias às mudanças na vida em sociedade. Ter uma reflexão válida sobre o que acontece em seu entorno, reconhecendo a importância do outro e certificando que nós somos a história, tornando-a prática, reflexiva e consciente.

Percebe-se que diante do cenário político, econômico e social em que vivemos, dificilmente sairemos de determinados abismos sem nos utilizarmos na prática desse conceito de consciência histórica que norteia tantas decisões, por



vezes, essenciais para nos direcionar como sociedade. Se somos a civilização que tem em mãos o poder da criticidade, da mudança e da formação de bases teóricas pertinentes, precisamos com o máximo de urgência nos apoderarmos dela, trazendo-a para o nosso dia a dia.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ronaldo Cardoso. **Aprender História com sentido para a vida: consciência histórica em estudantes brasileiros e portugueses.** Tese de doutorado. Faculdade de Educação da USP. São Paulo, 2011.

CAINELLI, Marlene. SANTOS, Flávio Batista dos. O ensino de história local na formação da consciência histórica: um estudo com alunos do Ensino Fundamental. **Cadernos de pesquisa: Pensamento educacional**, Curitiba, v. 05, nº 21, p. 158-174, jan/abr, 2014.

CERRI, Luís Fernando. Cartografias Temporais: metodologias de pesquisa da consciência histórica. Porto alegre. **Educação & Realidade**, vol. 36, núm. 1, p. 59-81 jan-abril, 2011.

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de História e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CERRI, Luís Fernando. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da História. **Revista de História Regional**, p. 93-112, inverno, 2001.

FERNANDES, Aurélio Silva. **As concepções de Ensino de História e a consciência histórica: um estudo com alunos do 3º ano do Ensino Médio Regular.** Dissertação de Mestrado, Rede PROFHISTÓRIA. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2016.

GAGO, Marília. Consciência Histórica e narrativa no ensino da História: Lições da História...? Ideias de professores e alunos de Portugal. **Revista História Hoje**, v. 5, nº 9, p. 76-93, 2016.



GERMINARI, Geyso Dongley. **A história da cidade, consciência histórica e identidades de jovens escolarizados**. Tese de Doutorado. Setor da Educação. Universidade Federal do Paraná, 2010.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de História**. Campinas, Papi-rus, 2012.

HARTOG, François. **Tempo, história e escrita da história: a ordem do tempo**. Disponível em: [HTTP://www.fflch.usp.br](http://www.fflch.usp.br). Acesso em 20 de janeiro de 2008.

HELLER, Agnes. **Uma teoria da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

LEE, Peter. Em direção a um conceito de Literacia histórica. **Educar Especial**, Curitiba, p. 131-150. Editora UFPR, 2006.

LEE, Peter. Literacia histórica e história transformativa. **Educar em revista**, Curitiba, Brasil, nº 60, p. 107-146, abr./jun. 2016.

MARTINS, Estevão de Rezende Martins. História, historiografia e pesquisa em educação histórica. **Educar em Revista**. Curitiba, v. 35, nº 74, p. 17-33, mar./abr. 2019.

MEDEIROS, Daniel Hortêncio de. **A formação da consciência Histórica como objetivo do Ensino de História no Ensino Médio: o lugar do material didático**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, 2005.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora dos Santos. GARCIA, Tânia M. F. Braga. A formação da consciência histórica e o cotidiano nas aulas de História. **Caderno CEDES**. Campinas, vol. 25, nº 67, p. 297-308, setembro/dezembro, 2005.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiano em sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (org.) **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2017.

SILVA, Marcos Antônio. Letramento no ensino de história. **Cadernos de História**. Belo Horizonte, v. 12, nº 17, 2º semestre, 2011.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: UNB, 2001.